

MORTE VOLUNTÁRIA E IMORTALIDADE, DUAS FACES DO DESEJO EM TORNO DA MORTE NO PENSAMENTO DE EPICURO

Everton da Silva Rocha*

A busca deliberada pela morte ficou conhecida como suicídio, todavia não encontramos uma equivalência de sentidos nos textos dos pensadores gregos da antiguidade que justifiquem seu uso, por isso preferimos nos referir a essa ação como morte voluntária e assim evitar uma série de associações constituídas ao longo do tempo. Na carta a Meneceu Epicuro vai se contrapor a afirmação: “bom seria não ter nascido, mas uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do *Hades*”.¹⁰

Nessa passagem, o nascimento é tomado como um mal, melhor seria sequer ter nascido, o conselho do poeta vai além dessa constatação, levado as últimas consequências pode ser entendido como um chamado, um convite para abandonar a vida deliberadamente. O interessante dessa perspectiva é que a morte se torna o ato chave para realizar a libertação dessa prisão repleta de males que seria vida. O desejo de morrer faz oposição ao desejo de viver, revelando-se como expressão mais alta da negação da vida, visto que culmina em sua renúncia. Para Epicuro o homem que sustenta tal perspectiva, quando imbuído de firme convicção logo abandona a vida, pois já se encontra convencido que a morte é mais desejável. A expressão “cruzar as portas do *Hades* o mais rápido possível” traz ainda outro aspecto relevante, a alusão ao *Hades* pode ser tomada como uma referência a crença de continuar existindo de algum modo, mesmo após a morte, supondo o perecimento apenas do corpo e a continuidade da alma. Temos dois pontos distintos que serão examinados, partindo deles apontaremos alguns aspectos da perspectiva do pensamento de Epicuro diante da problemática da morte. O primeiro é o valor negativo atribuído a vida, agravado pela exortação do ato de morrer, enquanto o segundo indica uma apática expectativa de vida após a morte.

Inicialmente é necessário se deter à argumentação epicúrea contra a tese da morte

* Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte – Brasil. E-mail: heyshura@hotmail.com.

¹⁰ Epicuro responderia aos que costumavam citar o poeta megárico, Teognis (570-485 a. c./versos 425-427). Em DIÓGENES LAÉRTIOS. X, 126.

voluntária, analisando de que maneira a investigação da natureza (*physiologia*¹¹) desconstrói essas ideias e sustenta uma posição oposta: a vida como tesouro inestimável e a mortalidade como algo natural. O atomismo epicúreo fundamenta a crença na mortalidade da alma, suas bases físicas promovem uma associação necessária entre o tema da corrupção e dissolução dos corpos e a natureza da alma. Um exame criterioso permite perceber um deslocamento do problema, partindo da *physiología* a dissolução de um corpo assume o caráter de mortalidade para a alma, trazendo uma série de reflexões em torno da física para o campo da ética. É por meio dessa conexão que o tema da dissolução se humaniza, tornando-se mortalidade humana. A alma possui uma *phýsis*, uma composição atômica, em outras palavras a *psyché* é um corpo (*sôma*), formado de átomos mais leves que os constituintes da carne (*sarkós*), espalhando-se por todo o composto/organismo (*atroísma*). O homem é um composto orgânico, concepção diferente em torno da alma, esta geralmente vista como substância oposta ao *sôma*. Para Epicuro a alma nada mais é que um corpo físico, basicamente diferente da carne por sua configuração atômica.

Um dos critérios usados para aferir as faculdades da alma é justamente o da morte! Quando um corpo morre, logo cessam a respiração e o calor desse corpo, o mesmo ocorre com a capacidade de movimento e a sensibilidade. A sensibilidade está atrelada à carne, aos órgãos, aos nervos, a estrutura do corpo. Daí decorre a dificuldade de pensar a capacidade de sentir separada desta estrutura carnal viva e perecível.

Para Epicuro tudo que for relativo ao bem e ao mal está nas sensações, prazer e dor respectivamente. Possibilitando a experiência humana, constituindo-a como modo de ser da *phýsis* humana. Epicuro sustentava a tese da mortalidade da alma e do corpo, conseqüentemente essa noção encerra o homem totalmente dentro dos limites da vida, excluindo a morte, pois esta para o sábio caracteriza-se pela completa ausência de sensações. Trazer o tema da morte voluntária para o centro do debate a cerca da mortalidade humana, problematizando, a partir da filosofia epicúrea, é de suma importância para delimitar a posição do sábio, diferenciando-a de outras atitudes diante da morte¹². O desejo pela morte voluntária vai ser criticado tomando como referência o lugar que o homem ocupa ao viver em conformidade com o conhecimento da natureza. Procurar a morte como remédio para os males da vida acaba se tornando uma renúncia, fruto do ódio e da ignorância que incide sobre o corpo de modo violento. Lucrécio (III, 75-80) em sua obra *Da Natureza* percebeu a raiz

¹¹ Expressão utilizada por Epicuro para designar a investigação ou estudo da natureza.

¹² A busca voluntária pela morte e a filosofia vez por outra cruzam seus caminhos. Como o caso de alguns registros que tratam das vidas de Demócrito e Anaxágoras.

desse mal:

Uns morrem por causa de estatuas e de glória do nome; e algumas vezes de tal maneira toma os homens por medo da morte, o ódio à vida e à luz que vêem, que a si próprios dão a morte com o triste coração, esquecidos de que a fonte dos cuidados é esse mesmo terror, que é ele que dificulta a virtude, que é ele que rompe os vínculos da amizade: em resumo, persuade-nos a derrubar a piedade.

Alguma vitória sobre as opiniões vazias, especialmente aquelas referentes ao tema da morte, pode se dar à medida que buscar a tranquilidade e a autarquia seja necessário para vencer a tendência impulsiva que o homem reflete em sua alma, instalando-se tão perigosamente que finda muitas vezes em conduzi-lo a morte, de maneira que a ignorância de sua condição culmina na chegada do fim por meio de suas próprias mãos. A busca pela morte pode ser entendida como um cálculo equivocado, que em seu erro induz a pensar que na vida existe um valor negativo, que se expressa por meio da dor, do sofrimento e da ausência de sentido no qual apenas a morte acaba se tornando um ato de significado operado por uma vontade. Nesse sentido, dar a morte a si próprio, seria uma escolha tanto quando oferece uma porta para um outro mundo ou dimensão, quanto é o mero acesso ao nada. Só é possível suicidar-se por intermédio de um ato da vontade que resulte em morte. Ou seja, é por ter em si o princípio do movimento que o homem pode antecipar e realizar sua própria morte, antes somente imaginada. Entretanto tal cálculo se fundamenta em um conceito vazio, tal conceito provoca um estado de humor que varia da melancolia a angústia e ao medo. Sabe-se que Epicuro sustenta que a vida é suportável mesmo em meio à dor física aguda, privilegiando a esfera da tranquilidade da alma. O sábio está consciente que o sofrimento extremo não dura muito tempo e que este cessando o prazer se manifestará.

O sábio configura uma exceção, por viver conforme a natureza, sua vontade não se move ao encontro do fim, principalmente por considerar a vida como desejável. É na atormentada alma do homem guiado pelos discursos vazios que o desejo pela morte torna-se intenso ao ponto de levá-lo ao ato. Muitas vezes a motivação reside na experiência constante de perturbações e dores que findam por tornar atraente a morte, que passa a ser vista como cessação dos males da vida. Esta relação que é tomada em análise por Epicuro é produto do entendimento da morte como um mal.

A liberdade seria para Epicuro tão radical ao ponto deste julgar aceitável o suicídio, deixando aquele que não é sábio livre para escolher tirar a vida, principalmente diante de certas condições? Existe uma passagem na qual Diôgenes Laértios (X, 126) atribui a Epicuro a seguinte afirmação:

O sábio não renuncia à vida nem teme a cessação da vida. Viver não o entendia, nem ele crê que a cessação da vida seja um mal. Da mesma forma que não escolhe nos alimentos apenas e simplesmente a porção maior, o sábio procura aproveitar o tempo mais agradável e não meramente o mais longo.

A postura do sábio é coerente com seu conhecimento da vida, o prazer por se configurar como bem natural faz da existência algo sempre desejável, por isso está imune ao tédio, a *physiologia* demonstrou que para aquele que possui a saúde da alma, o tempo e o prazer andam juntos. A posição de Epicuro é categórica: o homem que vive segundo a natureza não sofre das fantasias e paixões que conduzem à morte voluntária. Sêneca (*De Vita Beata*, XIX) expressou-se sobre esse tema da seguinte forma: “Diodoro, filósofo epicúreo, acaba de por fim a sua vida, voluntariamente; é acusado de ter agido contra os preceitos de Epicuro, matando-se a si mesmo”. Não há quanto ao modo epicúreo de encarar o suicídio, podemos resumir assim a posição daquele que voluntariamente procura a morte: “É absolutamente pequeno aquele para quem existem múltiplas razões para sair da vida.” (Sentença Vaticana 38. In: BOLLACK, 1975, pag. 477)

Aceitando que o átomo é o limite microcósico da *physis*, sendo por isso imperecível e indivisível, fica evidente que todos os corpos estão fadados a dissolução e a transitoriedade. Para o homem a finitude chega sobre a sombra da morte, acidente natural inequívoco e que para a maioria de nós está associada a angústia e ao temor, esse tipo de disposição gera no homem uma ruptura com a natureza, uma espécie de descontentamento fundamental com a vida. Esse descontentamento parece produzir-se em consequência da distancia do homem em relação à natureza, daí o surgimento de uma desarmonia na alma, que irreconhecível para si mesma perde a perspectiva da segurança e tranquilidade diante da morte, oscilando em encará-la ora como a cessação dos males, ora como o mais apavorante deles.

A noção de duração ilimitada do tempo para a alma humana, traz consigo a legitimidade imaginária do desejo de imortalidade, tornada possível na esfera discursiva, a

imortalidade surge como desfrute perpétuo do bem e da felicidade. Epicuro faz oposição radical a essas ideias, ao defender a finitude de todos os compostos, tanto os vivos quanto dos inanimados. A desagregação é o fim de todos os corpos, dos mundos e da alma, esta conseqüentemente terá outra modalidade de relação com o tempo e com o bem, que precisará ser desenvolvida com profundidade para que se possa compreender a natureza da morte no pensamento epicúreo.

Não seria apropriado, dentro da perspectiva da *physiologia*, pensar que existe uma tendência natural no homem de buscar a continuidade da vida e conseqüentemente do prazer. O desejo de imortalidade é considerado insensato e condenado a insatisfação e a falta permanente, por isso deve ser completamente eliminado. A falta não significa liberdade, mas alienação em relação à outra coisa. A alma do insensato costuma esquecer, enquanto a do sábio guarda lembrança dos prazeres passados, prova de reconhecimento e gratidão pelo que se foi e pelas escolhas feitas. Ela se coloca como imortal, não acredita que a morte irá interromper seu movimento em frente. Se a morte não é nada, a imortalidade também não. A alma do sábio vive o presente. A duração da vida não acrescenta nada no que concerne ao gozo do prazer e a felicidade do sábio ou do insensato:

A carne não admite limite algum ao prazer, nem é limitado o tempo necessário para proporcioná-lo. O espírito, entretanto, tendo atingido um entendimento racional do bem carnal supremo e seus limites, e tendo dissipado os temores relativos à eternidade, proporciona-nos a vida integral, e já não temos a necessidade de tempo infinito. Mas, o espírito não repele o prazer, nem, quando as circunstâncias começam a levar-nos ao termo da vida, aproxima-se de seu fim como se houvesse interrompido de algum modo a vida ótima. (DIÓGENES LAERTIOS, X, 145)

Os deuses não conheceriam nem crescimento nem declínio, sua forma e sua grandeza permanecem sempre os mesmos. Sua matéria renovando-se continuamente permite a manutenção de suas características e qualidade. Seriam, o bom êxito do acaso, sistemas perfeitamente equilibrados, que não teriam contato algum com sistemas perecíveis, existindo como compostos imperecíveis. O termo isonomia teria sido usado por Epicuro para referir-se a repartição equilibrada dos átomos, conhecida em grego como *antanaplerôsis* ou reocupação compensatória. Está em Cícero, *de natura deorum*. Sua condição é de *ataraxia* perfeita, portanto seriam vazios de toda dor e perturbação. Os sábios formam sociedade com os deuses.

Diferente da indestrutibilidade do átomo, a imortalidade dos deuses epicúreos é

conquistada a cada instante, seriam eternos por acidente, pois a coesão de todo *concilium* atômico é provisória. As causas físicas poderiam ser residência extramundana, constituição atômica particular e sempre renovável. A virtude e o conhecimento lhes daria o poder natural necessário para procurarem infalivelmente os elementos necessários para sua conservação.

Sendo os deuses imortais, incorruptíveis e perfeitamente felizes, jamais poderiam ser então responsáveis pelo governo do mundo e pelo destino e afazeres humanos. A relação com os deuses é desinteressada. Acreditar que com rituais os imortais poderiam concordar em nos favorecer significa pensar que podem ser persuadidos por nós. Isso não se adéqua a postura nobre que os epicúreos conferiam aos deuses, pois estes não podem ser identificados com nada que não remeta a incorruptibilidade e a beatitude. Ideias confirmadas na seguinte passagem:

Em primeiro lugar considera a divindade um ser vivo e feliz, de acordo com a noção de divindade impressa em nós pela natureza, e não lhes atribua coisa alguma estranha à imortalidade ou incompatível com a felicidade. Crê firmemente que a ela convém tudo que pode confirmar e não eliminar a sua bem-aventurança e imortalidade. Os deuses realmente existem, e o conhecimento de sua existência é manifesto. Mas eles não existem como a maioria crê, pois na verdade ela não os representa coerentemente com o que crê que eles sejam. Ímpio não quem elimina os deuses aceitos pela maioria, e sim quem aplica aos deuses as opiniões da maioria (DIÓGENES LAERTIOS, X, 123).

Consideremos ainda essa outra passagem, de grande expressão:

Deus ou quer impedir os males e não pode; ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente - o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso - o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente, portanto nem mesmo é Deus. Se pode e quer, que é o único conveniente a Deus, de onde provém, então, a existência dos males? Por que não os impede? (USENER, fragmento 374)

A *ataraxia* constitui a felicidade dos deuses. Os deuses aparecem como modelos a serem imitados. Porque os deuses nos aparecem eles são, diriam os epicuristas. Os deuses têm uma consistência mais perceptível ao espírito. Recebemos simulacros dos deuses por meio da emissão de átomos ainda que sutis do corpo destes. Segundo Cícero, Epicuro seria o primeiro

filósofo que invocaria a universalidade da crença na existência de seres imortais, procurando tirar de seu fundamento totalmente subjetivo, certa teologia objetiva. A natureza traça em nós uma noção comum dos deuses. Existe amizade entre os deuses e os sábios, a medida que estes admiram a natureza e a maneira de ser daqueles. Os deuses podem servir de modelo de realização para o sábio, este quando vive em conformidade com a natureza pode rivalizar em felicidade com o próprio Zeus (Sentença Vaticana 33. In: BOLLACK, 1975, pag. 469).

REFERÊNCIAS

BOLLACK, Jean. *La pensée du plaisir, Épicure: textes moraux, commentaires*. Paris: Les Editions de Minuit, 1975.

DIÔGENES LAÉRTIOS. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília, UNB, 1988.

LUCRÉCIO. *Da natureza*. Trad. Agostinho da Silva. In: Epicuro, Lucrecio, Sêneca e Marco Aurélio. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

USENER, H. *Epicure*. Stuttgart: E. G. Teubner, 1966.